

Miguel Barbosa

**A SOPA DAS RATAZANAS
A OPA DA PALHA
E OUTRAS PEÇAS DE TEATRO**



A SOPA DAS RATAZANAS, A OPA DA PALHA
E OUTRAS PEÇAS DE TEATRO

Autor: Miguel Barbosa

Colecção: O Chão da Palavra / Teatro

© Nova Vega e Autor, 1.ª edição (2015)

Direitos reservados em língua portuguesa por:

Nova Vega, Lda.

Apartado 4352 – 1503-003 Lisboa

info@novavega.pt

www.novavega.pt

Sem autorização expressa do editor não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da crítica.

Editor: Assirio Bacelar

Capa: Jorge Machado-Dias

Paginação electrónica: Teresa Meneses

ISBN: 978-989-750-043-5

Depósito legal n.º 400700/15

Impressão e acabamento: VASP DPS

Miguel Barbosa

**A SOPA DAS RATAZANAS
A OPA DA PALHA
E OUTRAS PEÇAS DE TEATRO**



vega

BONDOSO AO EXTREMO

PERSONAGENS

Pedintes:

O MOCHO – que só quer um aperto de mão. Tem cara de mocho. Caracterizado.

O CINEASTA – que tem colado na lata da sopa um retrato de Elizabeth Taylor. Também conhecido pelo Pé de Salsa

O MESTRE-ESCOLA – *pince-nez*. Fala em ar doutoral.

O ENDIVIDADO – a quem falta um braço que diz ter perdido ao pagar juro

O INVEJOSO – sempre com recortes de jornais e notícias da Bolsa, que de vez em quando lê

O FARTURAS – de ar esfomeado.

O PÉRICLES – cego. Tem pala. Toca violino. Passa parte da peça a afinar o violino.

TERESA – faz a *quête* do cego, de quem é neta. Romântica.

Vampiros Skinheads:

RAUL – por alcunha o *Pulga*, filho de VICENTE, o dono da casa.

1.º SKINHEAD VAMPIRO – filho de um político

2.º SKINHEAD VAMPIRO – filho de negociante importante

E,

VICENTE – dono da casa, o homem bondoso. Dono de uma PME da bondade.

FUNCIONÁRIO – que é um Relógio Falante que só dá horas e não diz mais nada. Nem quando o contestam.

DETETIVE – Gagueja um pouco.

Uma boneca que urina e chora quando tocada. Simula ser uma criança. Está num cestinho tapado por uma manta.

1.º ACTO

CENA I

(À boca da cena, antes de correr o pano)

(Noite. O Mocho entra com um pequeno banco. Senta-se. Entra Invejoso esfarrapado e sujo como o outro. Mocho estende a mão).

O MOCHO – Um aperto de mão, por amor de Deus, um aperto de mão.

O INVEJOSO – C'os diabos! Pede alguma coisa que se veja e que possas depois revender com lucro. *(Mocho volta a sentar-se no banco).* Talvez compre a tua tigela de sopa.

O MOCHO *(levanta-se e estende a mão de novo)* – Por amor de Deus, um aperto de mão.

O INVEJOSO – Isso não dá para viver. A cotação dos apertos de mão é baixa na Bolsa. É lixo.

(Mocho volta a sentar-se no banco. Adormece. A cena escurece ainda mais. Sonha. Um rosto de homem envolto em capa preta, passa, branco, cadavérico, irreal. Passam mais rostos. Aproximam-se de Mocho. Esvoaçam capas em pequeno bailado. Os Vampiros debruçam-se sobre ele, que lhes estende a mão. Em seguida inclinam-se sobre o Mocho para o morder. Este acorda com um grito e os Vampiros fogem. Ao lado de Mocho está Vicente. O Invejoso desapareceu)

VICENTE – Quer dinheiro? Tem fome? Diga. Eu sou muito bondoso. Às vezes até excessivo.

O MOCHO – Não peço nada... só a caridade de um aperto de mão.

VICENTE – Um aperto de mão? ! Só isso?! Eu dou muito mais. Levo os pedintes, os vagabundos e até imigrantes para casa e dou-lhes uma nova oportunidade de vida.

O MOCHO – Obrigado. Vejo que ainda há quem se preocupe com os outros. Que mais posso pedir? Talvez algum sonho?

VICENTE – *(irónico)* E sonhar sustenta?

O MOCHO – Não. Eu sei. Mas eu só peço o aperto de mão a que tenho direito como ser humano. Nada mais.

VICENTE – Então, venha. A minha multinacional da bondade está aberta a quem sofre. Eu ando a recolher os pedintes, mesmo os de ilusão mal cotada. Venha e traga os seus amigos...

(projecção de uma carroça com grades, estilo carroça de recolher os cães. Passa em fundo de cena)

O MOCHO – Mas... mas é a carroça dos cães !

VICENTE – Não. Não. Trata-se é do carro da empresa. Bem vê, a inspeção exige que antes de recolher os pedintes em minha casa cumpra as regras sanitárias levando-os à desinfeção. Como qualquer outro animal são portadores de muitas doenças...

(Saem para o lado do palco, indo atrás da carroça. O Mocho leva o banco debaixo do braço. Abre a cortina).

CENA 2

(Espécie de camarata com camas e duas janelas. De lado, uma porta praticável, onde se lê: W. C. – entrada para o desemprego)

(Pedintes em fila indiana. Está uma ampulheta com areia para registar o tempo. Em cada pedinte a Funcionária põe, ao pescoço de cada um,

uma ficha metálica presa por cordéis. Cada ficha tem um número que corresponde à cama que a burocrática Funcionária vai indicando. Parte desta cena é em silêncio. Cortado por palavras como : Bondade, justiça! Fuzilem-nos, caridade... tudo em estilo de discurso político. Pedintes estão sentados na borda da cama, a olhar desconfiados uns para os outros. Teresa ao lado de Péricles. Aparece o Relógio Falante)

RELÓGIO FALANTE – São onze horas, vinte minutos e cinquenta segundos. Tempo seco, sem alteração de temperatura. Ainda faltam quarenta e nove minutos e dez segundos...

O CINEASTA – Que raio de droga será esta? Quem é este gajo que badala tanto?

O ENDIVIDADO – Ninguém sabe. É o tempo, Cineasta. Que todos os dias é sempre o mesmo.

O MESTRE-ESCOLA – Se tivéssemos um jornal. Estas coisas do tempo vêm nos jornais.

O INVEJOSO – Só o que lhes interessa que nós saibamos, Mestre-Escola. O que segundo eles se deve saber. Querem-nos todos burros! É mais fácil governar com burros.

O FARTURAS (mostrando um cesto com a boneca) – Que gaita! Encontrei esta criança abandonada junto de um candeeiro

O CINEASTA (*Para Mestre-Escola*) – Se arranjasses algum jornal, mesmo antigo...

O MESTRE-ESCOLA – Lá ias Pé de Salsa cortar o retrato das tipas do animatógrafo! As gajas de grandes mamãs e cus publicitários.

O FARTURAS – Chiça! Encontrei esta criança na rua deixada por alguma mãe drogada, não ouvem?

O CINEASTA (*mostrando algumas fotografias recortadas de jornais*) – Eu tenho fotografias de muitas famosas quase nuas. Que belos traseiros desfilando!

O MESTRE-ESCOLA (para o Farturas) – Desculpa. Mas o que vais fazer agora com a criança?

O FARTURAS – Sei lá! Mas não a podia deixar na rua.

A peça *Bondoso ao Extremo* foi publicada:

1.^a Edição, Editora Início, 1964

2.^a Edição, Editora Futura, 1974

com o nome *Os Carnívoros*

3.^a Edição, Editora Universitária, 2005

com o nome *As Multinacionais da Bondade*

4.^a Edição, Nova Vega,

com o nome *Bondoso ao Extremo*

Inúmeras representações.

Como o Grupo da Tabaqueira em encenação de Jacinto Ramos ou o Grupo da Faculdade de Letras com encenação de Ávila Costa.